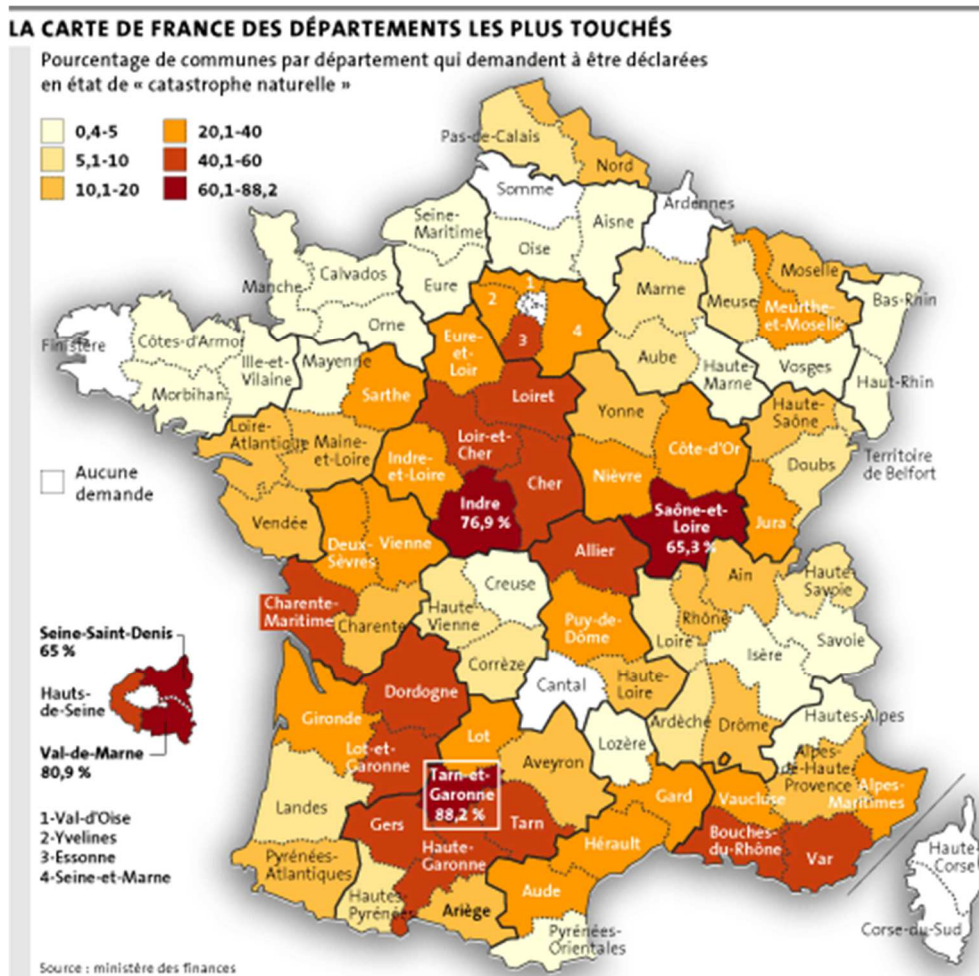


França: a grande vítima do calor

CELUY ROBERTA HUNDZINSKI*



A alta temperatura que assolou o continente europeu no último mês provocou um número de mortos estimado entre 3.000 a 5.000 franceses nas duas primeiras semanas de agosto, inteirando um total de aproximadamente 13.000 até o final do mês. A “canicule” (calor excessivo), muito mais forte na França do que em países como a Itália,

Portugal, Espanha, Alemanha, etc., acarretou alto índice de desidratação e comprometimento de doenças crônicas, atingindo principalmente crianças e idosos.

Percebo que o fenômeno, que não era tão intenso desde 1947, pegou a população literalmente de calças curtas: em plenas férias de verão, 80% da população deu

descanso aos ternos, sapatos e meias de seda, substituindo-os pelos confortáveis shorts e chinelos – inclusive as “*chiquérrimas*” havaianas que, se forem legítimas e com a famosa bandeirinha do Brasil, custam 30 euros nas lojas e butikues mais importantes da capital da moda, como por exemplo nas das “*Galleries Lafayette*”.

Não há nada de anormal, mas, há uma diferença cultural sobre a qual gostaria de discorrer um pouco: nós, brasileiros, nem sempre abandonamos as roupas sociais porque não as utilizamos com a mesma frequência, no entanto, como eles, partimos em férias (é verdade que bem menos de 80% da população); porém, se considerarmos que, ainda que partamos sem nossos idosos, os que ficam e, por eventualidade veem a falecer sozinhos em casa, são, logo, descobertos por algum parente, amigo ou vizinho que, conhecendo seus hábitos, percebe sua falta e “intromete-se” querendo saber onde está o fulano. Fazendo esse tipo de análise, pecamos por indiscrição e sofreremos sendo sempre molestados por alguém. Aqui na França, quando os entes “queridos” telefonam (de maneira geral uma vez por semana) e não os acham, dificilmente incomodam algum vizinho ou amigo para ver o que está havendo. Entretanto, a prefeitura de Paris criou, por causa disso, um serviço telefônico encarregado de procurar as pessoas não encontradas por seus parentes.

O índice assustador de mortos nas câmaras frias inquieta as autoridades fazendo-as providenciar aberturas de câmaras desativadas que acabaram, também, superlotadas. Em vez de 5 dias, que como de hábito permanece cada corpo, os lugares têm sido ocupados por 15 dias ou mais, à espera dos familiares que não tiveram conhecimento da morte, ou chegam à conclusão de que não vale a

pena interromper as férias para fazerem o enterro. Não devemos deixar que os mortos enterrem os seus mortos? Talvez, nem tanto, mas, eles bem que podem esperar já que morreram, mesmo. Além do mais, pra que preocupação se eles nem podem sair do lugar?

Os cemitérios e funerárias fizeram enterros, excepcionalmente, aos domingos e o aumento de funcionários foi inevitável. Mesmo a Igreja Católica andou tendo mais movimento que de costume. Em Chatou, paróquia onde moro, tivemos uma média de um funeral por dia – número relevante considerando o forte anticatolicismo francês, a maioria dos enterros parte diretamente da câmara para o cemitério. Os hospitais têm improvisado leitos e contado com a ajuda de voluntários. O governo preocupado com o bom atendimento dos pacientes, deu uma remuneração para os profissionais da saúde.

Uma responsabilidade coletiva é admitida: a Saúde Pública e Privada por perceber tardiamente a calamidade; a população por não ter dado o devido valor; o Governo por não ter ajudado mais.

Numa tentativa de remediar a situação, a verba da saúde foi aumentada e porque é inadmissível um país de primeiro mundo ter passado por esse absurdo, está sendo estudado um projeto de reestruturação onde o objetivo é ter 1 enfermeiro para cada 5 pessoas. Ainda não ouvi comentários sobre a implantação de aparelhos climatizadores nos hospitais e, apesar de tudo, a opinião dos comerciários é que não vale a pena investir neles - a quota mínima de ventiladores esgotou-se em poucos dias sem ter sido repostos.

Observando as queimadas que arrasaram grande parte das florestas europeias, a falta de chuva, o medo das tempestades

previstas para depois dessa anomalia climática, tenho pensado nas milhares de pessoas que morrem, injustamente, pelo mundo afora, por esses e outros motivos, muitas vezes sozinhas (mais vezes do que imaginamos). Tenho tentado buscar uma nova ética mais humanitária, mais justa, mais solidária. Por que não acreditar na utopia de uma mudança radical onde houvesse uma verdadeira fusão do que há de bom entre as culturas, entre as diversas ideias e pensamentos, algo que ultrapassasse tudo o que já foi

tentado até hoje, mas que também aproveitasse tudo o que pudesse interessar para que realmente funcionasse? Real ou fictício? Não importa, se acreditamos, podemos partir de dentro pra fora, das ideias, e mesmo dos sonhos até chegarmos à realidade.

Fontes:

www.lemonde.fr

www.lacroix.fr

www.lefigaro.fr



* **CELUY ROBERTA HUNDZINSKI** é doutoranda em Filosofia (Universidade Paris X - Nanterre).